

# antes ontem que amanhã

Mónica Vieira-Auer



## **COLEÇÃO COMUNIDADES PORTUGUESAS**

A Coleção Comunidades Portuguesas pretende trazer a público testemunhos, documentos, ensaios e obras de criação literária respeitantes aos portugueses que vivem, trabalham e criam fora de Portugal. Com esta coleção, iniciativa conjunta do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, quer dar-se visibilidade e voz às nossas comunidades residentes no estrangeiro.

## **PRÉMIO IMPRENSA NACIONAL/FERREIRA DE CASTRO**

O Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro, além de homenagear a figura incontornável e exemplar de Ferreira de Castro, pretende reforçar os vínculos de pertença à língua e cultura portuguesas, bem como estimular a participação de portugueses residentes no estrangeiro e lusodescendentes, prestando, assim, às comunidades portuguesas dispersas pelo mundo o justo reconhecimento pelas atividades que desenvolvem nos seus países de acolhimento.

Criado pela Imprensa Nacional em parceria com o Ministério dos Negócios Estrangeiros, o Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro dá continuidade à missão da editora pública de promoção e preservação do património da língua e da cultura portuguesas.

O galardão tem uma periodicidade anual e distingue trabalhos inéditos nas áreas de Ficção e Poesia.

# antes ontem que amanhã

Mónica Vieira-Auer



Coleção  
Comunidades  
Portuguesas

—PRÉMIO  
IMPRESA  
NACIONAL  
FERREIRA  
DE CASTRO

Poesia

Imprensa Nacional é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa  
[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.imprensanacional.pt](http://www.imprensanacional.pt)  
[www.facebook.com/ImprensaNacional](https://www.facebook.com/ImprensaNacional)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

© Mónica Vieira-Auer e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO: Antes ontem que amanhã

AUTOR: Mónica Vieira-Auer

EDIÇÃO: Susana Arnaud

CONCEÇÃO GRÁFICA: Undo

CAPA: Estúdio João Campos

REVISÃO DO TEXTO: Maria José Godinho

PAPÉIS: Materica Limestone, 250 g (capa); Arena Smooth Natural 90 g (miolo)

TIPOS DE LETRA: Elena (@Nicole Dotin) e Cako (@Jérémy Schneider)

1.ª edição: outubro de 2021

ISBN: 978-972-27-2990-1

Depósito legal: 490 148/21

Edição n.º 1025307

## SUMÁRIO

a transumância dos nossos tempos . . . . .	11
ir e não vir . . . . .	13
a fé do rumor . . . . .	14
deixou-nos sem palha nem agulha . . . . .	15
a escala da dor . . . . .	16
acreditei . . . . .	17
antes ontem que amanhã . . . . .	18
ocaso caso . . . . .	20
é meia-noite e meio-dia . . . . .	22
o hoje deixou de mexer comigo . . . . .	23
sobremesa . . . . .	24
um par . . . . .	25
assim . . . . .	27
o todo . . . . .	28
coisa sem nome . . . . .	29
há coisas que não estão bem . . . . .	30
osmose . . . . .	31
o meu grande fim . . . . .	33
quase-distopia . . . . .	34
Biografias De Mulheres Que Não Existem . . . . .	35
a miserabilização da mulher . . . . .	36
Maria . . . . .	37
Aftab e Anjum . . . . .	38
Laurinda . . . . .	40
Era bonita demais para as suas posses* . . . . .	41
Esmeralda . . . . .	42
Lotte, irmã de Hans . . . . .	43
Aurora . . . . .	44
Margarida . . . . .	45

*Mais vale o corrido que o lido (ditado popular)*

### **a transumância dos nossos tempos**

a itinerância dúbia das cabeças corpo maior do ser  
exuberância inocente infância pequena a arder  
ânsia de liberdade de aventura de prazer  
distância do sal pecado de outiva a crer

a flagrância ritmada em olhares em sabores a querer  
intolerância em verdades amadas visões a perder  
traficância de pensamentos de palavras a inverter  
abundância de sabores desconsolados de prever

a importância da voz minha em frases sós a ler  
dissonância bela e estranha em momentos a conter  
substância física num quarto sem bonecas para ver  
militância mecânica dor líquida a fazer desaparecer

a alternância das mentes e sementes quentes a rejuvenescer  
vigilância firme da nascente fonte da linguagem a reter  
relutância em discórdia a sulcar pingos agridoces e a morder  
ignorância agreste ilusão civilizada espontaneidade a esquecer

a transumância colorida dos odores dos ofícios e das obras a nascer  
a transumância musical dos signos dos seres e dos saberes a verter  
a transumância nobre e pobre pálida e preta a comer e a beber  
a transumância das pedras do pó dos mares e dos ares a corromper  
a transumância mansa macia e leve de sopros e de sexos a gemer  
a transumância dos úteros das células e das matérias a absorver  
a transumância nua e crua e a lua que mingua por cheia ser

a insignificância das estranhas a subir e as árvores fracas a pender  
a insignificância das entranhas e os ventres férteis a descer  
a insignificância das gentes e os princípios a desfalecer  
a insignificância das verdades vigorosas e as mentiras moles a moer  
  
a insignificância da transumância.

## **ir e não vir**

respiro um certo estrangeirismo  
que há dentro de mim  
solto ao desalento como a roupa  
na corda ao vento  
quero que chova sempre  
preciso que a roupa na corda não seque  
quero-a sentir na pele  
agarrada ao corpo justa  
quero estender a minha roupa  
na corda esticada à chuva  
prendo-a com molas para que o vento não  
ma leve  
para que tu ainda húmida  
ma apanhes  
e me vistas nua.



### **a fé do rumor**

lá tudo fala alto  
parece que são todos moucos naquele sítio  
é barulho só barulho em dia de descanso  
ninguém se entende naquele adro  
e não se calam e repetem: ela fechou a capela  
e dizem isto muito alto põem toda a fé nas suas vozes  
lá naquele sítio onde se fechou a capela  
por fim todos se calaram e baixaram a cabeça  
com as mãos ao peito e em peregrinação foram-se em paz  
sem o amém e com o pecado  
e agora a capela está fechada.

## **deixou-nos sem palha nem agulha**

foi num dia santo que tudo aconteceu  
um desconcerto  
ninguém estava a contar  
ninguém trazia instrumentos  
ninguém tinha afinado as vozes para poder acompanhar o coro  
as orquestras tocavam sem maestro e descoloriam o palco  
tocavam mais por intuição ao sabor do vento e em fortíssimo  
com barítonos e contraltos tenores e sopranos  
tudo desarmonizava vertical e naturalmente  
e a batuta era mais o coração  
o bater da água e o desmaio da chuva  
não amorteciam o compasso do festival de verão  
o brilho seco e sôfrego do fogo dava intensidade à música  
e a partitura sem claves com pautas muito escuras consolava  
cordas e metais em uníssono madeiras e percussão sem respiração  
uma composição descomposta sincopada e sem pausas  
uma polifonia de vozes sem ornamento  
tudo e todos seguiam o cânone espiral  
e entregaram-se com toda a paixão ao leitmotiv da melodia estival  
renderam-se tudo e todos para que a música não parasse  
e foi assim por aí fora horas e horas dias e dias  
até que a violinos e violas se lhe rebentaram as cordas  
violoncelos e contrabaixos perderam o pescoço  
os tímpanos abriram furos e deixaram de produzir som  
a família dos metais fundiu-se numa só poça  
e o coro e as outras vozes perpetuaram-se uma após uma  
restando uma horizontalidade negra e vestígios da partitura.

## **a escala da dor**

dói do lado anterior à célula ora espedaçada  
rédea solta de um núcleo órfão e impartível sem  
mimo residual ou magnético  
fá-lo com tirania essa mania plagiada aos polos  
soltos gélidos e grávidos em  
lágrimas explosivas contínuas e  
sincronizadas numa escala cromática de dor e silêncio.

## **acreditei**

comecei cedo a colecionar pedrinhas  
encontrava-as nas bermas da estrada no caminho para casa  
outras ainda em passeios pelos pinhais da aldeia  
muitas tirava do caminho de ferro entre as vigas de madeira  
eram as mais escuras e quentinhas e eram todas lindas  
na praia encontrava as mais lisas leves e redondinhas  
durante o dia não me separava delas diziam-me que davam sorte  
às vezes muitas vezes elegia uma para acreditar  
e de olhos fechados ela levava-me para o outro lado da estrada  
à noite elas dormiam ao meu lado numa almofada  
quando cresci descobri as preciosas e juntei todas numa arca  
e acreditei  
as mais leves sustentaram as pesadas  
as redondas alisaram as afiadas  
as bonitas embelezaram as mais feias  
as escuras coloriram as mais claras  
as mais quentes derreteram as mais frias  
e as preciosas alumiararam as restantes  
foi a primeira vez que a almofada chorou.

## **Margarida**

margarida  
não nascia  
foi parida

margarida  
não chorava  
foi espalmada

margarida  
não mexia  
foi remexida

margarida  
não cheirava  
foi farejada

margarida  
não mamava  
foi desmamada

margarida  
não ouvia  
foi mal-ouvida

margarida  
não olhava  
foi mal-olhada

margarida  
não gracejava  
foi desdenhada

margarida  
não brincava  
foi brincada

margarida  
não caminhava  
foi desencaminhada

margarida  
não se integrava  
foi desintegrada

margarida  
não desejava  
foi desejada

margarida  
não amava  
foi desamada

margarida  
não adorava  
foi devorada

margarida  
não morria  
foi abatida.

*Fim – O que resta é sempre o princípio feliz de alguma coisa.*

AGUSTINA BESSA-LUÍS

MÓNICA VIEIRA-AUER nasceu em Silvalde, Espinho. Em 1990, licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, na variante de Estudos Portugueses e Alemães, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo sido professora de Português nos ensinos básico e secundário, e ainda tradutora numa empresa alemã. Em setembro de 1992, passou a viver na Alemanha, onde lecionou em várias universidades da Baviera, assim como em instituições de educação e formação de adultos. Desde 2010, é docente de Português Língua Estrangeira na Universidade Friedrich-Alexander de Erlangen-Nuremberga. Em 2020, venceu o Prémio Imprensa Nacional/Ferreira de Castro com a obra de poesia *antes ontem que amanhã*, sendo o conto *um terraço sobre outra coisa ainda* a sua estreia em prosa, editado na coletânea *Correr Mundo – Doze Histórias de Emigração*, em 2021.



Este livro reúne 28 poemas de temática, forma e musicalidade diversas divididos em duas partes.

Numa referência aos 28 anos de vivências na Alemanha, a autora conjuga esse universo pessoal, e ainda o período de infância e juventude em Portugal, com leituras e reflexões várias que se lhe surgem ao «levantar muitas vezes a cabeça». A necessidade de estruturar pensamentos e sensações, a carência de lavar memórias de pessoas, espaços, momentos e acontecimentos, conjugadas com o gosto pelos falares das nossas gentes são as sementes e o sumo deste livro: «os grãos de água e pingos de terra» de *antes ontem que amanhã*.

Na primeira parte, o poema «a transumância dos nossos tempos» teve como ponto de partida a crise de refugiados na Europa em 2015; «deixou-nos sem palha nem agulha» é baseado nos trágicos incêndios de 2017, em Pedrógão Grande.

A segunda parte, intitulada «Biografias de Mulheres Que Não Existem», é composta por nove poemas dedicados a milhões de mulheres espalhadas e maltratadas pelo mundo.

